

514

LIRISMO MAIS FÁCIL DE VENDER

JB 21-7-72 p.5



Dejanira Coutinho
sempre pintou
sem olhar
muito para
escola nem para
o que os
professores
ensinavam

Dos 55 quadros, de Dejanira Coutinho que estarão expostos até amanhã na Galeria Chica da Silva, apenas dois não foram vendidos. Os temas de sua pintura, ligados à natureza, representam girassóis, aves, barcos, o mar, num estilo que ela mesma define de "impressionismo moderno e pontilhado", de acordo com a tranquilidade de seu espírito e de sua vida. Comentando o interesse despertado nos compradores por seus quadros — que nada têm a ver com a arte de vanguarda — o crítico Walmir Ayala afirmou:

— A cor e a forma têm sempre um sentido de festa e alegria, que tornam este tipo de arte mais fácil de vender. Isto não acontece com as formas mais agressivas de arte, como no caso da fase de terror ou fase negra de Ivã Serpa. Elas fazem história, mas não põem quadros na parede. Mas esta demanda por um decorativismo muitas vezes sem compromisso sempre existiu, e não significa um movimento geral da sociedade no sentido de negar as formas mais vanguardistas de arte.

A PRIMEIRA EXPOSIÇÃO

Com 76 anos de idade, Dejanira Coutinho teve contato com a pintura desde cedo mas só agora decidiu-se a realizar uma mostra. O pai, juiz em Minas Gerais, era homem culto e colecionador de quadros, e a mãe tocava piano e cítara. Aos 16 anos iniciou estudos formais de pintura, na Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro, onde foi aluna do escultor Bernadelli e do pintor Eugênio Latour.

— Nunca pensei em expor porque ainda não havia surgido uma oportunidade, e não por medo de que a arte estivesse muito adiantada. Aliás, os modernos protestam quando ouvem dizer que a minha pintura é clássica, acadêmica. Ela tem um pouco de impressionismo, mas moderno e pontilhado. Eu sempre pintei sem olhar muito escola, nem o que os professores ensinavam. Eu fazia uma coisa toda minha — sou uma pessoa muito comigo mesmo.

FAMÍLIA DE ARTISTAS

Depois de casada, Dejanira foi morar em Belo Horizonte, e lá recebeu aulas do pintor Alberto André Delpino, tornando-se grande amiga de Guignard, professor de seu filho Heitor Coutinho, que ele considerava seu aluno predileto.

Sempre rodeada pelos três filhos artistas, Heitor, Lígia e Leda, Dejanira di-

vide seu tempo entre uma casa em Arauama e o apartamento da Vieira Souto. Neste, vêem-se os quadros de Heitor e Lígia e as esculturas feitas por Leda. E houve até uma época, na IX Bienal, em que os três estiveram reunidos na mesma sala.

— Em casa, tudo para mamãe é motivo de pintura — diz Lígia. — Nada lhe escapa. Se morre um passarinho, se vê uma flor, ela pinta.

— Eu gosto de pintar tudo o que é belo — diz ela. — Um pássaro, o céu cheio de nuvens, uma árvore, as gaivotas. Mas principalmente o mar, quando está revoltado — eu não gosto do mar tranquilo. Aqui da janela do apartamento mesmo eu já pintei um saveiro. E nem preciso de cavalete. Pego uma tábua, um pedaço de papelão, e pinto, sem conforto nenhum.

O REFLEXO DO PASSADO

Dejanira Coutinho nasceu em Santo Antônio do Monte, no sertão de Minas, mas as contínuas viagens necessárias devido à profissão do pai não deixaram que se ligasse emocionalmente a uma cidade em particular — antes contribuíram para uma ligação maior com a família, principalmente com o pai.

— Para mim e meus irmãos, era da maior alegria a hora de uma remoção dele. Eu já imaginava a janelinha do trem para ir olhando a paisagem.

Aos 16 anos, só veio estudar pintura no Rio por insistência do pai, que queria dar à filha "um aperfeiçoamento do espírito com a pintura, uma arte pouco cultivada pelas moças brasileiras, mas que é um verdadeiro dom, que traz realce no meio social onde se vive" — como escreveu numa carta para Dejanira, que ela recorda até hoje, palavra por palavra.

— Ele queria dar a cada filho uma arte. A minha irmã é violinista. Ele tinha uma expressão muito típica, que eu nunca esquecerei: "Quando te sobrarem dois pães, vende um e compra um lírio."

E é esta impressão de lirismo, herdada do passado, o que fica de sua exposição, um toque pessoal e feminino, que levou a proprietária da galeria, Kalma Murtinho, a afirmar:

— Hoje as pessoas têm uma tal ansia de paz, tranquilidade e beleza, que em exposições como esta ou em leilões de um pintor clássico, como Sigaud, logo nos primeiros dias todos os quadros são vendidos.